RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 01/02/2020.

MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI

FORMAS, FÓRMULAS E FUZIS:
tensões entre representação literária, indústria cultural e a realidade dos anos 1970 em Ivan Angelo e Sérgio Sant'Anna

ASSIS
2018

MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI

FORMAS, FÓRMULAS E FUZIS:
tensões entre representação literária, indústria cultural e a realidade dos anos 1970 em Ivan Angelo e Sérgio Sant'Anna

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Gabriela Kvacek Betella

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Sartorelli, Miquéias Estevão de Moraes
S351f Formas, fórmulas e fuzis: tensões entre representação literária, indústria cultural e a realidade dos anos 1970 em Ivan Angelo e Sérgio Sant'anna / Miquéias Estevão de Moraes Sartorelli / Assis,
2018.
103 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Drª Gabriela Kvacek Betella.

1. Angelo, Ivan, 1936. 2. Sant'Anna, Sérgio, 1941. 3. Realismo na literatura. 4. Contos brasileiros. 5. Anos 1970. I. Título.

CDD 808.8012

MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI

FORMAS, FÓRMULAS E FUZIS: tensões entre representação literária, indústria cultural e a realidade dos anos 1970 em Ivan Angelo e Sérgio Sant'Anna

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em LETRAS (Área de Conhecimento: LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 01/02/2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dra. Gabriela Kvacek Betella - UNESP/ASSIS

Membros: Prof. Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos - UNESP/ASSIS

Profa. Dra. Denise Regina de Sales - UFRGS/Porto Alegre-RS

aos meus pais,
aos meus irmãos
e à minha companheira,
âncoras e faróis desse trajeto

AGRADECIMENTOS

Embora este trabalho tenha exigido certa dose de isolamento, sobretudo em razão das leituras e da escrita de passagens mais delicadas, seu desenvolvimento deve muito aos contatos estabelecidos com algumas instituições e pessoas. A elas, por suas contribuições e pelos auxílios, endereço meus sinceros agradecimentos:

- à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, que me acolheu e assegurou as condições necessárias para uma formação pública e de qualidade;

- à Biblioteca “Acácio José Santa Rosa”, à Biblioteca Municipal de Assis “Nina Silva”, à Biblioteca Municipal de Bauru “Rodrigues de Abreu” e à Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação de Bauru, pelo empréstimo dos livros;

- à bolsa de estudos concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

- aos professores que participaram do Exame de Qualificação, ao Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos, pela interlocução sempre prolífica e pelas aulas cativantes, e ao Prof. Dr. Antônio Roberto Esteves, pelo contraponto;

- aos professores que participaram da Defesa, ao Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos, uma vez mais, pelo diálogo, e à professora Dra. Denise Regina de Sales, pela leitura cuidadosa e pelas contribuições;

- à minha orientadora, Dra. Gabriela Kvacek Betella, pelos muitos e valiosos ensinamentos no curso de um diálogo iniciado ainda durante os anos de graduação e por manifestar um posicionamento sólido, coerente, que sequer titubeia em face dos ventos de supostas novidades e modismos acadêmicos

- e ao apoio dos familiares, amigos e especialmente de minha companheira.

começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com
a delegacia de ordem política e social, mas nos estreitos limites
a que nos coagem a gramática e a lei,
ainda nos podemos mexer

Graciliano Ramos, Memórias do Cárcere

SARTORELLI, Miquéias Estevão de Moraes. **Formas, Fórmulas e Fuzis: tensões entre representação literária, indústria cultural e a realidade dos anos 1970 em Ivan Angelo e Sérgio Sant'Anna**. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

À luz do esgotamento de formas realistas na literatura moderna do ocidente e de sua reincidência como um programa estético dominante no contexto latino-americano, o presente trabalho debruça-se sobre dois contos brasileiros situados nos anos 1970. Nesse sentido, um de seus objetivos maiores é destacar em “A casa de vidro” (1979), de Ivan Angelo, e em “Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)” (1973), de Sérgio Sant'Anna, ambos inseridos em livros homônimos, os momentos de ruptura com certa persistência de obras de fundo particularista e de formato documentário, desde os tempos de formação de nossa literatura até hoje. As análises dos dois contos aqui desenvolvidas procuram ancorar-se no material crítico nacional e estrangeiro, assim como centralizar os pontos de contato entre arte, mercado e política. Conduzida por esses norteadores, esta pesquisa ainda examina conteúdos mais pontuais colocados pela própria especificidade das narrativas. Em Ivan Angelo, ela sublinha os impasses da representação literária e de uma modernização conservadora, além de detectar aproximações e filiação ao gênero distópico. Já em Sérgio Sant'Anna, os limites da linguagem e o diálogo com o jornalismo configuram dois eixos importantes. No geral, discute um conjunto de questões de grande relevância para o contexto da década de 1970, mas não deixa de observar seus ecos na literatura pós-ditadura e contemporânea.

Palavras-chave: Ivan Angelo. Sérgio Sant'Anna. Realismo. Mercado. Anos 1970.

SARTORELLI, Miquéias Estevão de Moraes. **Shape Molds, Formulas and Fusils: tensions among Literary Representation, Cultural Industry and 1970s Reality in Ivan Angelo and Sergio Sant'Anna works**. 2018. 102 p. Dissertation (Masters in Languages). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

In a time of realistic shape molds exhaustion in Western modern literature and its recidivism as sort of aesthetic dominant program in the latin-american context, this work is about two Brazilian short stories situated in the 1970s. In this regard, one of its main goals is to highlight within "The Tower of Glass" (1979), by Ivan Angelo, and "Manfredo Rangel's Notes (about Kramer), reporter" (1973), by Sergio Sant'Anna - both inserted in books of same name -, the persistent breakage to works with particularists backgound and documentary format, since times of Brazilian Literature formation until nowadays. The analysis of these two short stories which will be developed in this paper intend to use national and foreign critical material as basis, and also to centralize contact points among Art, Market and Politics. This research will be conducted by these guide lines, at the time it will also examinate more specific contents, raised by the narrative itself. Ivan Angelo's narrative underlines literary representation and conservative modernization dead-locks, besides detecting approximations and belongs to the dystopian genre. In the other hand, Sergio Sant'Anna uses dialog with jornalism and language limits as centerline of his work. Overall, this research discusses issues of great relevance to the 1970s context, but it does not fail to observe its echoes in post dictatorship and contemporany literature.

Key-words: Ivan Angelo. Sérgio Sant'Anna. Realism. Market. 1970s.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO……..... 10

1. Das Funções do Espelho: Reflexo ou Lâmina..... 15

2. Das Funções do Olhar: Espiar ou Expiar..... 31

2.1. Impasses da Representação…… 31

2.2. Convivência do Moderno e do Arcaico…… 39

2.3. Aproximações…….. 45

2.4. Utopias e Distopias…… 56

3. Das Funções do Repórter: Informar ou Deformar..... 63

3.1. Personne…….. 63

3.2. Jornalismo e Literatura…….. 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 89

REFERÊNCIAS .....…….... 97

INTRODUÇÃO

Baseado em fatos reais. Eis uma das fórmulas publicitárias imbatíveis para alavancar as vendas de certos produtos culturais, fator de esgotamento da edição de um livro ou poderoso atrativo para a bilheteria de um filme. No cinema, é comum encontrá-la no início de sessões, como condutor do olhar, ou pouco antes de subirem os créditos, como cereja do bolo, espécie de fecho grandiloquente que obriga a reavaliar o que acabou de ser assistido. Mais do que mero chamariz para o consumo, a expressão, ao obter resultados massivos, revela uma sedução do real produzida em tais leitores e espectadores. O real exerce uma influência inegável sobre nossa sensibilidade, a tentativa de reproduzi-lo está na origem do cinema como um dos elementos de maior fascínio sobre o público. No entanto, essa força estética intrínseca à realidade pode ser canalizada de modos distintos; de um lado, ela pode ser minguada pela lógica do mercado ou pela subserviência ao verismo, de outro, ela potencializa-se nas mãos de uma manipulação consciente e crítica.

Assim como um *reality show* de extraordinária audiência, fenômeno televisivo contemporâneo, ou uma obra realista de reduzida envergadura limitam-se à superfície dos acontecimentos coletados da vida real, estabelecendo com ela uma relação apenas de fidelidade, um filme como *Close-up* (1990), de Abbas Kiarostami, ilustra outra forma de vínculo, visto que o real agora se torna objeto de um tensionamento rico em implicações artísticas e efeitos políticos. O longa restitui episódios marcantes de um caso verídico, inclusive noticiado pelos jornais da época, a respeito de um homem comum que conquista a simpatia de uma família abastada ao se passar pelo renomado cineasta Mohsen Makhmalbaf. Quando se dá conta do impostor, já o tendo acolhido em sua casa, a família Ahankhah denuncia o falso cineasta, o que lhe rende um encaminhamento ao tribunal para ser julgado. Num ato engenhoso, Kiarostami elenca como atores de seu filme as próprias pessoas envolvidas no caso, fazendo-as reencenar as situações há pouco vividas.

Com esse atrito provocado entre documentário e ficção, o diretor procura imprimir humanidade à figura de Hossain Sabzian, busca entender, dentro do quadro de veementes acusações, os motivos do protagonista. Em razão disso, a sentença “baseado em fatos reais” assume feições imprevistas e nitidamente problematizadoras, determinantes para o perdão da família e, consequentemente, para absolvição de Sabzian. O êxito de tal procedimento o estendeu a outros filmes

de Kiarostami e é possível ser compreendido como um dos grandes méritos do moderno cinema iraniano. Em 1998, por exemplo, Samira Makhmalbalf, filha de Mohsen, o cineasta verdadeiro imitado por Sabzian, produz uma obra na mesma linha e com enorme alcance chamada *A maçã*. Samira flagra o confinamento de duas meninas que crescem sem o contato com ninguém além dos pais, que as aprisionam no lar. Além de uma considerável repercussão, a obra também logra intervir no desfecho desse conflito familiar veiculado pela imprensa, alvo das autoridades locais.

Sobre a literatura brasileira, a realidade imediata parece ter exercido mais do que um fascínio. Ela constantemente orientou o trabalho de nossos escritores feito uma bússola. Muitas vezes comprometendo o mergulho na fantasia, o pendor realista, em especial, de nossa prosa advém de um pragmatismo que busca deslindar na esfera artística questões de ocasião. A esse respeito, Antonio Candido considera expectável o fato de os autores brasileiros terem “pouco da gratuidade que dá asas à obra de arte; e, ao contrário, muito da fidelidade documentária ou sentimental, que vincula à experiência bruta” (CANDIDO, 2000, p. 27). Ainda de acordo com ele, “a coragem ou espontaneidade do gratuito é prova de amadurecimento, no indivíduo e na civilização; aos povos jovens e aos moços, parece traição e fraqueza” (CANDIDO, 2000, p. 27). Aliás, é esse juízo responsável pela encarnação literária do espírito nacional no pós-independência, caracterizando nosso romantismo como parte do esforço geral em construir a recente nação.

No primeiro capítulo desta dissertação, focalizamos esse compromisso com a realidade no interior de um descompasso entre o ocaso do realismo na literatura moderna do ocidente e sua predominância na história da literatura brasileira, desde as origens até os dias de hoje. O capítulo vale-se de um material crítico e ensaístico variado na tentativa de fundamentar a hipótese primeira do presente estudo. Intitulado “Das Funções do Espelho: Reflexo ou Lâmina”, ele defende que entre nós é possível verificar uma reincidência de obras miméticas, nutridas por uma disposição empenhada. Nessa perspectiva, tanto o movimento romântico, já mencionado acima, quanto propriamente o realismo e o naturalismo, tanto a fértil vertente regionalista quanto a literatura de resistência à ditadura, os neorrealismos, correspondem a esse viés eminentemente documental. Enquanto os caminhos trilhados pela literatura moderna indicavam a dissolução das coordenadas miméticas, aqui se enfatizou o poder construtivo e comunicativo das obras. Se a

linguagem se fragmentava e o homem passava por um processo de desfiguração, aqui o exame contínuo dos traços que comporiam a identidade nacional salvaguardou a organicidade dessas instâncias.

Esse caráter interessado da literatura brasileira é reforçado, na década de 1970, no bojo de um combate cultural ao regime autoritário que se instala no país em 1964, recrudescido quatro anos depois com o mais repressivo dos atos institucionais do governo, o AI-5. Por conta disso, as várias esferas da cultura são investidas de um forte conteúdo de denúncia, o que leva muitos escritores a apostar em elementos narrativos mais diretos, desse modo revivendo, além do sentimento de missão, os expedientes de uma das tendências mais duradouras de nossa literatura. No entanto, nem todos os autores desse período restringiram-se aos reclames da urgência de um contexto turbulento. Alguns ultrapassaram as trincheiras culturais, ao dar vida a textos que deixaram de ser reflexo das circunstâncias para tornarem-se lâmina, contestadores não apenas da política, mas da estética. É isso que se observa nos dois contos destacados nos capítulos subsequentes, em “Das Funções do Olhar: Espiar ou Expiar” e “Das Funções do Repórter: Informar ou Deformar”. Cada um a seu modo, eles operam um corte nessa tradição de obras espelhos da nacionalidade.

Após a reflexão conceitual e a digressão histórica realizadas no curso do primeiro capítulo, a dissertação passa a uma análise mais detida do corpus literário, sempre tendo em vista a hipótese anteriormente defendida, mas não deixando de considerar as demandas colocadas pela própria especificidade dos dois contos. Nesse sentido, o segundo capítulo dedica-se à narrativa “A casa de vidro”, de Ivan Angelo, inserida em livro homônimo e publicada em 1979. Ele conta com quatro subdivisões, as quais nomeamos respectivamente: “Impasses da Representação”, “Convivência do Moderno e do Arcaico”, “Aproximações” e “Utopias e Distopias”.

Além de apresentar alguns aspectos gerais da obra, “Impasses da Representação” chama a atenção para a possível significação da série de poemas que intercepta sua progressão. Entende que se trata, no limite, de uma mudança de registro exigida pela busca de uma representação ética da tortura, o que acarreta um processo de desarticulação da ordem realista. “Convivência do Moderno e do Arcaico” investiga como a fusão entre atraso e progresso está materializada nas transformações arquiteturais por que passa a casa de vidro, sublinhando de que maneira ela capta a passagem de uma sociedade cerceadora das liberdades a outro

modelo de organização centrado no estímulo. “Aproximações” discorre sobre os diálogos estabelecidos por Ivan Angelo com outros textos, com ênfase para *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel (versão em português do nome Niccolò Machiavelli aqui utilizada), “Na colônia penal”, de Franz Kafka e “O alienista”, de Machado de Assis. Por último, “Utopias e Distopias” resgata o pano de fundo da emergência dessas duas orientações, lembrando sobretudo de Thomas More e das condições do século XX, cita alguns nomes relevantes para a compreensão de suas diferenças e marca a filiação de “A casa de vidro” ao gênero distópico.

O terceiro capítulo aborda “Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)”, conto também inserido em livro homônimo e publicado em 1973. Num momento inicial, avalia particularmente a configuração inusitada das personagens e dos narradores, sua pouca densidade psicológica em virtude de repetições e de uma exploração do potencial do raso. Isso é lido como um abandono da psicologia profunda em favor da comportamental, pois a elaboração de individualidades dá lugar a uma preocupação com a função das personagens na trama. Diante disso, a construção dos seres que compõem a ficção passa pela consciência de suas limitações. O tópico intitulado “Personne” ainda disserta sobre a perspectiva da narração e finaliza com um questionamento acerca da distância existente entre pessoa e persona, entre realidade e representação, pressupostos que golpeiam os pilares de uma prosa ilusionista.

No tópico seguinte, “Jornalismo e Literatura”, as relações entre discurso informativo e atividade literária são pormenorizadas com o intuito de esclarecer as cisões efetuadas por Sérgio Sant'Anna. Para isso, frisa a importância do jornalismo para os anos 1970 e recupera duas de suas maiores expressões: o romance-reportagem, no Brasil, e o *new journalism*, nos Estados Unidos. Une as duas correntes uma reação ao novo padrão jornalístico norte-americano oriundo da grande imprensa. Condicionado pelo ritmo industrial, esse novo padrão impõe fórmulas de estruturação e veiculação das notícias, e propaga como valor primordial a escrita impessoal, rápida e objetiva. Nesta parte final do capítulo, observamos como “Notas de Manfredo” contraria tais princípios; o repórter do conto, pelo contrário, deixa entrever os processos de seleção e distorção dos acontecimentos inerentes ao ato de narrar, interrogando, em última instância, o próprio fazer literário e o estatuto da literatura.

As considerações que encerram esta dissertação retomam os pontos mais importantes discutidos a propósito de “A casa de vidro” e de “Notas de Manfredo”. Reconhecendo as singularidades de cada narrativa, destacam dados comuns de considerável contribuição para repensar as relações entre política, estética e mercado na década de 1970, no Brasil. Com efeito, a conclusão do trabalho reforça as rupturas de Ivan Angelo e de Sérgio Sant'Anna com o lastro documentário predominante em nossa ficção desde sua formação e revivido durante o regime militar. Em última instância, assinala uma concepção de literatura, verificada na obra dos dois escritores, não como um esforço de reprodução do mundo, mas sim como uma atividade de produção de mundos outros. Para ela, entre a realidade e a representação há inescapáveis mediações: da linguagem, do corpo, da cultura, do momento histórico. Assim como o título do filme de Kiarostami sugere, ao aludir à técnica cinematográfica *close-up*, a arte aproxima, mas também recorta. Nela o real não aparece em estado bruto, passa por uma necessária transfiguração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões maiores de “A casa de vidro”, narrativa publicada no final dos anos 1970, é a implementação de um novo modelo penal. No núcleo dessa história, a antiga central de polícia passa por uma radical transformação arquitetônica que, no fundo, materializa mudanças já processadas no seio da sociedade. Os muros de cimento e de alvenaria da instituição vão aos poucos sendo substituídos por vidro; e seu interior, consequentemente, aos poucos sendo devassado. Tal procedimento deixa expostas a intimidade dos presos da central e a violência praticada contra seus corpos. A narrativa acompanha a transformação estrutural do edifício, mas interessa a ela especialmente as reações da população, dos vizinhos e, em geral, das pessoas que por ali passam com o intuito de observar o cotidiano dos prisioneiros e dos funcionários da central. Nesse jogo de olhares entre os de dentro e os de fora, entre os internos e os cidadãos em liberdade, residem relações sociais e de poder de grande efeito, embora sutis, quase imperceptíveis. Graças a essas novas relações, o controle assume feições inusuais, emancipando-se das tradicionais instituições correcionais e de seus aparelhos.

O controle se maximiza em vigilância, já que os de fora policiam os prisioneiros e a situação destes serve de ameaça e exemplo para coibir os eventuais comportamentos indesejados. Ou seja, na passagem arquitetônica da central de polícia para a casa de vidro, ocorre uma internalização do controle pelos próprios civis, a ponto de, ao fim das reformas dessa prisão-vitrine, a censura ser abolida e o aparato armado, dispensado. Isso ocorre porque as funções anteriormente delegadas às instituições, a um grupo especializado, são nesse momento exercidas por todos os habitantes da cidade e, na sequência, com a replicação da experiência bem-sucedida do protótipo, para todo o país. Nesse sentido, o fim das reformas encerra também com ele as táticas da antiga central de polícia e dá margem para uma autogestão do sistema de penas que a casa de vidro implanta.

A casa de vidro é um experimento social muito alinhado àquilo que Erving Goffman (2001) definiu, em *Manicômios, prisões e conventos*, como instituição total. Ela desfigura o comportamento humano, aniquilando subjetividades e mortificando o eu. No entanto, talvez não seja exagerado afirmar que ela vai muito além disso. A casa de vidro, na verdade, faz coexistir orientações e expedientes diversos, seus

dados estruturais e a posição que ocupa dentro da dinâmica urbana sofisticam o sistema de penas, pois condensam, em síntese, três aspectos; condensam funções, modelos e paradigmas. No que se refere às funções, ela, ao mesmo tempo que tem função pedagógica, remontando à tradição do castigo exemplar em praça pública, funciona como entretenimento. Seus muros de vidro e sua centralidade amedrontam possíveis infratores e oferecem uma constante atualização da vida alheia aos observadores curiosos, espécie moderna de voyeurismo. Ela condensa igualmente dois modelos penais: o encarceramento e o suplício, o modelo de segregação, que esconde da sociedade seus desvios, e o modelo que mostra a aplicação direta das penas nos corpos dos condenados com fins catárticos. E, em última instância, ela coloca lado a lado dois paradigmas centrais para compreender os anos 1970 e, sobretudo, a nossa saída do regime militar e entrada no período democrático. De um lado, o paradigma repressor dos autoritarismos e, em particular, das ditaduras que povoaram a América Latina da segunda metade do século XX. De outro, o paradigma do estímulo, estalecido sobre as bases de uma economia de massas e dos imperativos do consumo, tendo especial relevo entre nós a partir dos resultados de uma modernização de natureza conservadora.

Como uma leitura consistente, aguda e, em alguma medida, original do Brasil contemporâneo, a narrativa não se deixa encantar pelas promessas da industrialização, tampouco se esquece da herança rural que ainda muito nos caracteriza. Ela não só vê com desconfiança os tempos novos, como resgata o passado colonial em chave crítica, demonstrando que o pior dos dois momentos pode conviver. Nesse ponto, o texto faz jus aos traços que empresta do gênero distópico. Como uma leitura do país na esteira de alguns de nossos maiores intérpretes, a narrativa procura rastrear essa convivência de contrários que parece definir elementos de nossa singularidade. O cárcere envidraçado revive fraturas do passado continuamente sufocadas no presente, quando recupera, por exemplo, um instrumento significativo para a escravidão como o pelourinho. Entretanto, revive-o com inesperadas implicações no bojo de uma emergente lógica do espetáculo.

Em outras palavras, o aprimoramento das técnicas de punição verificado na casa de vidro indica um movimento duplo: o passado colonial simbolizado pelo pelourinho e a modernidade das imagens que configura essa espécie de *reality show*. De fato, a intuição do predomínio do espetáculo – formato que se consolida a reboque de uma atmosfera opressiva que comprometeu uma visão mais ampla e

crítica das transformações profundas pelas quais a cultura brasileira passava – é uma mais relevantes contribuições da narrativa. A propósito, vale ressaltar que enquanto a censura às obras literárias concentrava a atenção de escritores e intelectuais, os produtores, a televisão roubava seu público, os receptores.

Contudo, do ponto de vista formal, talvez o que mais surpreenda seja a ruptura que Ivan Angelo opera com o modo corrente de representação da tortura empregado por seus contemporâneos. Em *Literatura e vida literária*, Flora Sussekind (1985) aborda a dificuldade de se tratar literariamente desse estado de violência em grau máximo. Para ela, aquilo que se passa propriamente no corpo, quer seja em função do prazer quer seja em função do sofrimento, parece irredutível ao plano do discurso. Ainda segundo a autora, pouco sensíveis a esses obstáculos, muitos escritores do período se valeram de mecanismos descritivos e de romantização dos personagens para narrar a experiência da tortura e, a partir desse gesto, denunciá-la. Haveria nisso, em linhas gerais, a construção de um horror puramente ornamental, o uso de uma retórica do excesso que proporcionasse ao leitor as minúcias do infortúnio alheio, o leitor aqui tomado como uma espécie de vampiro ávido por cenas de violência vetadas nas páginas da grande imprensa.

Em contrapartida a essas tendências, Ivan Angelo tematiza a dor por meio de soluções estéticas mais responsáveis, uma vez que leva em consideração as impossibilidades discursivas identificadas por Flora Sussekind. Com efeito, ele não está interessado no detalhamento dos episódios para um leitor sequioso, sua abordagem é mais lacunar e se limita à sugestão. Por conta disso, faz uma série de poemas altamente sonoros entrecortar o tecido narrativo de “A casa de vidro”, sobressaltar o encadeamento da história com lances poéticos. São, no total, cinco poemas, sendo o quinto a síntese dos quatro anteriores e o poema que mais explora a espacialidade da página, beirando o concretismo. É como se a prosa cedesse espaço à poesia experimental nos momentos de maior turbulência de seu conteúdo, exprimindo, em última instância, um dilema que está bem formalizado nos versos do terceiro poema: “a forma informa” e “a força deforma” (ANGELO, 2002, p. 148).

A variação de registro informa um posicionamento ético em relação à matéria histórica, ela traduz em linguagem o percurso de uma convicção política que esbarra em impasse literário e que, por isso, possibilita um mergulho em formas imprevistas. Isso significa também dizer que as soluções estéticas mais responsáveis encontradas por Ivan Angelo não parecem ser frutos de uma consciência a priori do

escritor, mas, pelo contrário, dados processuais, isto é, resultados fortuitos da escrita. A título de exemplo, basta lembrar que “O verdadeiro filho da puta”, outra narrativa que integra o livro *A casa de vidro*, apresenta escolhas mais convencionais, posto que descreve violências praticadas por um policial contra uma garota de programa com uma linguagem não tão permeável à tensão de cenas brutais. Além disso, o subtítulo do livro, “Cinco histórias do Brasil” e, nesses termos, a busca de uma identidade nacional indicam um tipo de engajamento marcado pelo realismo.

Em “A casa de vidro”, por outro lado, é como se esse realismo, em face de um empenho social levado às últimas consequências literárias, se desrealizasse, uma vez que parece incongruente as formas permanecerem incólumes após o contato com a barbárie. Na solução formal está contida uma informação política, assim como em “a força deforma” é possível ler esse processo de desarticulação que o movimento de aproximação da tortura desengatilha no plano discursivo. Diante da tortura, a expressão realista inicial passa por uma deformação e por um estilhaçamento. A rigor, esse encontro com uma força que deforma as coordenadas de um realismo social, de certo modo, antecipadamente expresso no subtítulo, não apenas desloca “A casa de vidro” das outras narrativas reunidas pelo livro como a diferencia de parte majoritária da produção literária empenhada da década de 1970.

Se o tom da narrativa de Ivan Angelo é grave, e de sua intensificação derivam implicações estilísticas inesperadas para o compromisso prenunciado pelo autor no subtítulo do livro, “Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)” apresenta, de antemão, um olhar derrisor. O humor cáustico de Sérgio Sant'Anna parece se rebelar contra a seriedade muito característica dos movimentos sociais e da literatura de resistência à ditadura, sem que isso impeça, convém ressaltar, o comparecimento de um fundo amargo em certos momentos da narrativa, como ocorre com a morte do protagonista numa praça de Recife. Enquanto as rupturas promovidas pelo primeiro autor com as formas realistas podem ser explicadas em virtude de certo aprofundamento da intenção documentária, complicações estéticas produzidas pelo acirramento do impulso político, o segundo opta por outro caminho. Sant'Anna subverte o filão mimético pela desauratização de seus princípios, combatendo, assim, via dicção satírica, os elementos basilares dessa corrente.

Conduzida por essa postura satírica, a história centraliza as relações estabelecidas entre um repórter de renome nacional e seu objeto de investigação jornalística, um deputado que se arrisca em uma candidatura civil à presidência, em

pleno regime militar. Manfredo Rangel segue os passos desse deputado de origem alemã, fazendeiro em Santa Catarina, na tentativa de cobrir os vários momentos da campanha. Entretanto, desde o primeiro encontro com ele, apenas avistado de longe no saguão de um aeroporto, percebe a ambiguidade dessa figura, compreende estar no encalço tanto de uma redenção política para o país quanto de um grande fracasso midiático. Herói da nação ou de uma peça trágica, Kurt Kramer Emanuel não se deixa capturar, nem ser enquadrado pelos mecanismos da reportagem, sua personalidade multifacetada desafia as ferramentas e técnicas do repórter.

Num primeiro momento, o candidato esconde-se atrás de declarações apaziguadoras, afirmações genéricas cujo efeito inofensivo intenta evitar conflitos. O repórter que o acompanha, na ocasião, levanta três hipóteses interpretativas com o objetivo de enxergar nesse personagem nebuloso, de traços e aparições públicas antípodas, algum sentido oculto, uma expressão genuína entre tantos disfarces. Para a primeira hipótese, a divulgação do nome do deputado contaria com o incentivo de grupos financeiros interessados em privilégios ulteriores. A campanha, nesse sentido, seria um investimento econômico em troca de benefícios fiscais, por exemplo. Para a segunda hipótese, a candidatura civil teria sido gestada pelo próprio governo militar que, pressionado por uma imagem internacional negativa do regime, lança uma alternativa com maior ressonância popular. Dessa maneira, esse processo representaria um conjunto de mudanças pouco efetivas para a sociedade, visto que elas não alterariam sua estrutura, isto é, não passariam de transformações superficiais, transferência epidérmica do poder das mãos dos militares para um civil. Por último, a terceira hipótese alerta para as intenções sigilosas do Serviço de Informações, setor da inteligência que estaria responsável por agitar e desordenar o pleito, mostrando a inviabilidade de eleições e, no limite, da redemocratização.

Curiosamente, nem mesmo o próprio Kramer tem consciência do endereçamento de suas ações e do significado histórico que elas transmitem. Em certas situações, parece ser a pura contingência a regente de suas ações, pois as circunstâncias assumem protagonismo no terreno deixado vazio pela destituição da individualidade do deputado. Kramer é um personagem oco e, ao mesmo tempo, múltiplo, condizente com a ambivalência que a palavra francesa “personne” comporta, indicando algo e o seu inverso, alguém e ninguém. É um político, mas também pode ser entendido como um ator, em última instância como persona, uma máscara. Não se define, carece de um traço consistente, demonstra e acolhe várias

facetas, sujeito maleável, verdadeira incógnita para os analistas e especialmente para Manfredo Rangel. Isso tudo manifesta uma concepção de personagem diferente. Em “Notas de Manfredo” e em várias obras de Sérgio Sant'Anna, a sondagem interior e o detalhamento das personagens cedem lugar para o estudo da função desses seres na trama, a densidade anteriormente construída cede lugar para o potencial estético do raso, e a psicologia profunda, para a comportamental.

Para delimitar o perfil de um deputado tão volátil, o repórter reúne, com seu bloco de notas, diversos fragmentos: entrevistas, pronunciamentos, confissões, rumores, boatos. Recorre a sua vida pública, a seu círculo familiar e a momentos de notável intimidade. E, a despeito dos esforços empreendidos durante a investigação jornalística, termina o relato sem muitas certezas, sem encontrar, no fim, um Kramer autêntico a ser revelado para os leitores por meio da reportagem. De fato, esse propósito não atingido, o fracasso profissional e técnico insinuado, não se ajusta bem à autoridade do repórter, pessoa célebre e espécie de porta-voz eficiente. No entanto, o insucesso dessa tarefa torna visível aspectos fundamentais para um debate mais fecundo acerca do fazer literário e dos parâmetros jornalísticos; assinala, de um lado, as limitações da literatura em abarcar o mundo e, de outro, as insuficiências de um padrão jornalístico com inclinações e ritmo industriais.

No que diz respeito aos limites da literatura, Sérgio Sant'Anna, estimulado por uma proposta maior de empobrecimento voluntário dos elementos do universo ficcional, chama a atenção para a fragilidade dos seres de papel fabricados pela imaginação. Nesses termos, o plano com tais personagens do autor não é simular pessoas reais, recurso artístico calcado muitas vezes em minúcias psíquicas, aprofundamento interior, mas sim denunciar nelas um artifício linguístico e simbólico. Esse artifício capaz de recriar a realidade e conferir ordem ao caos cotidiano, coerência ao conhecimento desordenado que frequentemente temos do outro, é um dos grandes atributos da obra de arte literária, pois estabelece nexos numa matéria fragmentária. Porém “Notas de Manfredo” percorre outra via. O conto, em sentido oposto, explora o avesso das virtudes humanas, revela suas incompletudes e impossibilidades, assim como deixa entrever as fraquezas do discurso literário.

Já no que se refere às insuficiências do padrão jornalístico, o comportamento incomum do repórter criado pelo escritor explicita uma divergência com as fórmulas importadas da grande imprensa norte-americana e difundidas no jornalismo brasileiro a partir dos anos 1960. Na origem desse novo modelo de fabricar e

veicular as notícias estão a industrialização e a massificação do jornal. Seus lemas são: objetividade, neutralidade e velocidade. No entanto, aqui também Sérgio Sant'Anna prefere tomar direção oposta, diversa de tais norteadores; o que ocorre, na verdade, é uma afinidade com o contra-ataque a essas fórmulas executado pelo *new journalism*, de nomes como Tom Wolfe, Norman Mailer e Truman Capote.

Em síntese, talvez não seja impreciso afirmar que tanto na frente de combate ao ilusionismo literário quanto na frente de crítica ao pragmatismo extremado desse novo padrão jornalístico exista um posicionamento comum subjacente. Tal posicionamento contrasta com uma pretensão – verificada em diversos momentos da história da arte ocidental, mas especialmente forte, persistente, na produção literária brasileira desde as suas origens – de imitar o mundo pela linguagem, documentá-lo. Regulado pelo critério da semelhança, esse desejo imitativo preside as convenções formais e a orientação política do realismo social, favorecendo, em última instância, uma postura passiva da literatura em relação à sociedade que pretende retratar com fidedignidade. Contra isso, Sérgio Sant'Anna volta sua obra. Ele não está interessado em fazer dela um registro fiel do mundo exterior, entende-a como reelaboração, ou seja, como uma intervenção criativa. Não a compreende como chapa fotográfica, mas sim como dispositivo deformante. Com efeito, essa consciência diferencia seu trabalho de parcela expressiva dos de seus contemporâneos, muitos deles – seja nas redações de jornais, seja no âmbito cultural – demasiadamente preocupados com uma tenaz fidelidade à conjuntura.

Tendo em vista essa fidelidade às circunstâncias imediatas e o percurso de reincidência das formas realistas que o acompanha, “Notas de Manfredo”, de Sérgio Sant'Anna, e “A casa de vidro”, de Ivan Angelo, podem ser distinguidas como narrativas singulares e dissonantes, dado que propõem caminhos diferentes, alternativos. Como se procurou realçar ao longo desta pesquisa, elas não subscrevem uma concepção de literatura como espelho da realidade nacional, destoam do reflexionismo tão recorrente na produção cultural e crítica de esquerda, como nos ensina Terry Eagleton (2011), em *Marxismo e crítica literária*. Embora as duas narrativas não tenham alcançado a visibilidade nem tenham demonstrado a força necessárias para promover uma cisão substancial e definitiva com a matriz, elas nos legaram um material valioso para repensar a influência dessa tradição na história de nossa literatura, suas constantes reaparições, reformulações, e inclusive seus tentáculos na prosa brasileira do pós-ditadura. A propósito dessa sobrevida do

realismo no período democrático, pesquisadores como Karl Erik Schollhammer (2013) e Tânia Pellegrini (2009; 2012) já têm assinalado a predominância do método realista em livros mais recentes. A explicação dessa recorrência, assim como a sua análise, de acordo com eles, passaria inevitavelmente pela compreensão do quadro epidêmico de violência urbana do Brasil contemporâneo. Desse ponto de vista, a conservação e, em larga medida, o recrudescimento de um mundo hostil – condições que permitiram, na Europa do século XIX, o nascimento do realismo histórico – justificariam sua retomada nos dias de hoje. Realismo brutal, cru, feroz, traumático, hiper-realismo são os adjetivos e o prefixo que lhe dão. Sob variada designação, sob diferente indumentária, ele tem permanecido como um programa estético dominante entre nós, permanência que reforça a necessidade de examinar o que as vozes dissonantes, mesmo que esquecidas no tempo, têm a dizer.

REFERÊNCIAS

A MAÇÃ. Direção Samira Makhmalbaf. Roteiro Mohsen Makhmalbaf e Samira Makhmalbaf. Distribuição New Yorker. Irã, 1998. 1 DVD (86 min).

ARBERX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. Vida, Genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ARRIGUCCI JR, Davi. Jornal, Realismo, Alegoria: o romance brasileiro recente. In: _____. **Outros Achados e Perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985

_____. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

ANGELO, Ivan. **A Casa de Vidro**. 3 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

_____. **A Face Horrível**. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

_____. **A Festa**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

_____. **Amor?**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____."O Espelho dos tapuias". In: **Itinerários**, Araraquara, nº10, 1996.

ASSIS, Machado. Literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. In: _____. **Crítica Literária** (Obras Completas). W.M. Jackson Inc. Editores. São Paulo: 1957. p. 129-149.

_____ **O alienista**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1976.

BACON, Francis. **Bacon**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BARROS, Edgard Luiz de. **Os governos militares**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In:_____. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 181-190.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BICHO de Sete Cabeças. Dir. Laís Bodanzky. Prod. Luiz Bolognesi, Caio Gullane, Sara Silveira, Marco Muller. Roteiro Luiz Bolognesi. Ditribuição Columbia TriStar RioFilme, 2000.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, Suspense, Emoção**: literatura e cultura de massa no Brasil São Paulo: Educ; Estação Liberdade, 1996.

BOSI, Alfredo. **O Conto Brasileiro Contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1994

BOSSA Nova. Dir. Bruno Barreto. Lucy & Luiz Carlos Barreto. Roteiro Alexandre Machado e Fernanda Young. Distr. Videolar. Manaus, 1999. DVD (95 min).

BURGER, Peter. **Teoria da Vanguarda**. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio [et al]. **A Personagem de Ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. A literatura e a Vida Social; O Escritor e o Público. In: _____. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**: Momentos Decisivos. 9ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite** & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

_____. Literatura, Espelho da América? **Remate de Males**. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP. Número Especial Antonio Candido. Campinas, 1999. p. 105-113.

_____. Censura-violência. In: _____. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 204-208.

_____. Vanguarda: Renovar ou Permanecer. In: _____. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34. p. 214-225.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CLAEYS, Gregory. **Utopia**: a história de uma ideia. Tradução Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

CLOSE-UP. Dir. Abbas Kiarostami. Roteiro Abbas Kiarostami. Kanoon. Distr. Celluloid Dreams. Irã, 1990. 1 DVD (98 min).

CRIME delicado. Dir. Beto Brant. Bianca Villar, Renato Ciasca e Marco Ricca. Roteiro Beto Brant, Marçal Aquino, Maurício Paroni de Castro, Luís F. Carvalho Filho e Marco Ricca. Distr. Drama Filmes. Rio de Janeiro, 2005 1 DVD (88 min).

CORTÁZAR, Julio. Alguns Aspectos do Conto. In: _____. **Valise de Cronópio**. 2. ed. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 147-163.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas**: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Renovação e Permanência: o conto brasileiro da última década. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. nº 11. Brasília, janeiro-fevereiro de 2001, p. 3-17.

_____. Vozes nas Sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. **Alteridade, Desigualdade, Violência na Literatura Brasileira Contemporânea**. Vinhedo: Horizonte, 2008. p. 78-107.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Angela Maria. O voo do Olhar e a Cena Melancólica em Sérgio Sant'Anna. **O Eixo e A Roda**, Belo Horizonte, v. 9-10, p. 35-51, 2003-2004.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltersin Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ECO, Umberto. **Apocalíptico e Integrados**. Trad. São Paulo: Perspectiva, 1970.

EM nome da razão. Dir. Helvécio Ratton. Roteiro Helvécio Ratton. 1979.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. O que é um Autor? In: _____. **Ditos e Escritos**. Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-64**: “A festa”. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

FRIEDMAN, Norman. O Ponto de Vista na Ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, nº 53, p. 167-182, mar/abr/mai. 2002.

_____. Que Faz um Conto Ser Curto? Trad. Marta Cavalcante de Barros. **Revista USP**, São Paulo, nº 63, p. 219-230, setembro/novembro, 2004.

FURTADO, Celso. **Brasil: a construção interrompida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As Musas Sob Assédio**: literatura e indústria cultural no Brasil. São Paulo: SENAC, 2005.

_____. Anotações à Margem do Regionalismo. **Literatura e Sociedade**, 40-10, p. 44-55, 2002.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Trad. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

GRACIANO, Igor Ximenes. **O Gesto Literário em Três Atos**: a narrativa de Sérgio Sant'Anna. 2008. 97f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e subdesenvolvimento**: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

HOHLFELDT, Antonio. **Conto Brasileiro Contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Impressões de Viagem**: CPC, vanguarda e desbunde. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Política e Literatura: a ficção da realidade brasileira – anos 70**. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Trad. Vidal Oliveira. São Paulo: Globo, 2001.

HUYSSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Trad. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

JANELA da Alma. Dir. João Jardim, Walter Carvalho. Roteiro João Jardim, Walter Carvalho. 2001.

KAFKA, Franz. **Essencial Franz Kafka**. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo. Penguin Classics / Companhia das Letras, 2011.

KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. de Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

KUCINSKI, Bernardo. **O fim da ditadura militar**. São Paulo: Contexto, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo e literatura: aproximações, recuos e fusões. In: **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 13 n. 13, p. 145-159, jan/dez. 2009.

LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LUCAS, Fábio (org). **Contos da Repressão**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever. Trad. Giseh Vianna Konder. In: _____. **Ensaios sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MACDONALD, Dwight. Massicultura e Medicultura. In: ECO, Umberto et al. **A Indústria da Cultura**, Lisboa: Meridiano, 1971. p. 67-149.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe e Escritos Políticos**. Trad. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Nota sobre Maquiavel. In: _____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 237-253.

MORIN, Edgar. A integração Cultural. In: _____. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo – In: neurose**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

MORUS, Tomás. **A Utopia** ou o tratado da melhor forma de governo. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

NISE – O Coração da Loucura. Dir. Roberto Berliner. Prod. Rodrigo Letier, Lorena Bondarovsky. Roteiro Roberto Berliner et al. Roteiro Flávia Castro, Mauricio Lissovsky, Maria Camargo e Chris Alcazar. Distrib. Imagem Filmes, 2016.

NO. Dir. Pablo Larrain. Prod. Pablo Larrain, Juan de Dios Larrain, Daniel Marc Dreifuss. Roteiro Pedro Peirano. Distribuição Imovision, 2012.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Wilson Velloso. 22 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1991.

PARRON, Tamis. Disputas de poder no ocaso do Império: uma leitura de O Alienista. **Revista USP**, São Paulo, n. 88, p. 199-206, dezembro/fevereiro, 2010-2011.

PAZ, Octávio. Literatura de fundação. Invenção, subdesenvolvimento, modernidade. In: _____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, s/d.

PELEGRINI, Tânia. **A imagem e a Letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

_____. De bois e outros bichos: nuances do novo Realismo brasileiro. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n. 39, jan/jun. 2012, p. 37-55.

_____. Ficção Brasileira Contemporânea: Ainda a Censura? **Acta Scientiarum**, Maringá, 23 (1): 79-86, 2001.

_____. **Gavetas Vazias**. Ficção e Política nos anos 70. São Carlos: UFScar/Mercado de Letras, 1996.

_____. Realismo: a persistência de um mundo hostil. In: **Revista de Literatura Comparada**, n. 14, 2009.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o Conto. In: _____. **Formas Breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 87-92.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: O Globo/Folha de São Paulo, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ROSENFELD, Anatol. Kafka e Kafkianos. In: _____. **Texto/Contexto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. p. 221-259.

_____. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio [et al]. **A Personagem de Ficção**. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. Reflexões sobre o Romance Moderno. In: _____. **Texto/Contexto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. p. 73-97.

SANT'ANNA, Sérgio. **A Senhorita Simpson**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Notas de Manfredo Rangel, Repórter** (a respeito de Kramer). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

_____. **Um Crime Delicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. 50 Contos e 3 Novelas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. O caminho circular da ficção (ou: não será outra a verdade?). In: _____. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 176-187.

_____. **Vale quanto pesa**: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHNAIDERMAN, Boris. “O Alienista”, Um Conto Dostoievskiano? In: **Teresa** revista de Literatura Brasileira [6/7]; São Paulo, 2006. p. 268-273.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Cena do Crime**: violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

_____. Cultura e Política 1964-1969: alguns esquemas. In: _____. **O Pai de Família e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 61-92.

_____. Nacional por subtração. In:_____. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-49.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e Vida Literária**: polêmicas, diários & retratos. (Brasil os anos de autoritarismo: análise, balanço, perspectivas). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **Tal Brasil, qual Romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TCHEKHOV, Anton. **As Três Irmãs; Contos**. Trad. Maria Jacintha e Boris Schnaiderman. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

THOMPSON, John B. **Mercadores de Cultura**: o mercado editorial no século XXI. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e filhos**. Trad. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

WELLERSHOFF, Dieter. Literatura, Mercado e Indústria Cultural. **Humboldt**, nº 22, p.44-48, 1970.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOOLF, Virginia. Mr. Bennett and Mrs. Brown. In: _____. **Collected Essays**. V. 1. London: Chatto & Windus, 1968.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento**: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. Cinema Político e Gêneros Tradicionais: a força e os limites da matriz melodramática. **Revista USP**, nº 19, setembro-novembro, 1993.

_____. Melodrama ou a Sedução da Moral Negociada. **Novos Estudos CEBRAP**: nº 57, julho de 2000, pp. 81-90.